

Parte I – I
Dossiê “O lugar da literatura na época atual”

1. The first part of the document is a list of names and titles, including "The Hon. Mr. Justice G. D. C. O'Connell" and "The Hon. Mr. Justice J. J. F. O'Connell".

Saber narrativo – possibilidades da literatura na contemporaneidade

Maria Elisa Rodrigues Moreira*

Resumo

O presente texto investiga algumas possibilidades da literatura na contemporaneidade, tomando por referência as discussões sobre produção de conhecimento e saber narrativo. Para tanto, utilizam-se as discussões sobre o estatuto do saber e as ciências da complexidade (referenciadas em Edgar Morin e Boaventura Santos) e sobre saber científico e saber narrativo (conforme Lyotard), que funcionam como referencial teórico para a abordagem da obra do escritor italiano Italo Calvino, rico manancial para propiciar uma gama de reflexões sobre as relações entre conhecimento e literatura.

Palavras-chave: Saber narrativo; Complexidade; Produção de conhecimento; Teorias de Rede; Italo Calvino.

As reflexões acerca da literatura na contemporaneidade incorporaram novas e importantes questões advindas das mudanças que perpassam de maneira mais ampla o campo do conhecimento, da tecnologia e da vida em sociedade. Dentre essas questões, destacam-se as referentes aos impactos das novas tecnologias sobre a sociedade e do saber como um compósito multifacetado muito mais complexo do que supunha a ciência moderna tradicional. Os estudos sobre o conhecimento passam a incorporar em si a impossibilidade de um saber que seja total, único, completo, e os novos paradigmas científicos projetam-se a partir de uma noção de saber fragmentária, incompleta, por vezes contraditória, e que pode ser construída a partir dos mais diversos discursos – inclusive o narrativo. No campo das tecnologias, os estudos sobre o hipertexto incidem diretamente sobre questões caras aos estudos literários, fato que provoca deslocamentos consideráveis em relação a alguns de seus principais conceitos, dentre os quais os de texto, autoria e processos de leitura.

* Texto recebido em agosto/2007 e liberado para publicação em dezembro/2007.

* Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais.

Diante desse contexto, abrem-se possibilidades de investigação interessantes e capazes de contribuir para o campo dos estudos literários, tanto na perspectiva da produção de saber quanto dos estudos sobre as novas tecnologias: em relação à produção de saber, se o discurso narrativo passa a ser visto como um dos possíveis produtores de conhecimento é preciso que se investiguem as possíveis contribuições do mesmo ao campo da literatura, para identificar em que medida e de que maneiras a literatura contribui para a tessitura de saberes diversos, inclusive a respeito do próprio literário; no tocante às novas tecnologias, é preciso que os estudos literários abram espaços para que investigações como as relativas às teorias de rede – em especial as que abordam o hipertexto – perpassem as reflexões sobre a literatura, com a introdução de conceitos e debates que podem contribuir sobremaneira para pensar o literário em suas mais variadas formas.

Se o desafio da literatura é, conforme Italo Calvino (1995), saber tecer em conjunto diversos saberes num compósito multifacetado, procuraremos identificar ao longo desse texto algumas das possibilidades que a narrativa literária indica para alcançar tal tessitura de conhecimentos. Para tanto, traçaremos um percurso que mescla as discussões sobre a produção de saber a partir da narrativa e as produções do escritor Italo Calvino, cuja obra aparece como um manancial de caminhos para a reflexão acerca das perspectivas da literatura e de seu papel como produtora de saberes e de subjetividades, uma vez que se aproxima das discussões que perpassam a política, a ciência e a literatura.

COMPLEXIDADE E SABER NARRATIVO

As discussões acerca da produção de conhecimento vêm passando por significativas mudanças desde meados do século XX, mudanças estas que refletem a crise do paradigma científico dominante e indicam a emergência de um novo paradigma para a produção de saber (SANTOS, 2003, 2004; STENGERS, 2002; LYOTARD, 2002). O desenvolvimento da ciência e sua ultra-especialização levaram a situações de questionamento de seu próprio estatuto, de suas bases teóricas e de seus métodos, visto que a racionalização, a linearidade causal e o reducionismo simplificador tornaram-se insuficientes para a compreensão de determinados eventos e objetos, que exigem um olhar mais complexo (MORIN, 2005), flexível e múltiplo.

A ciência moderna estabeleceu um parâmetro de saber calcado na racionalidade e baseado em características bem definidas, que a tornaram excludente e totalitária por rejeitar e considerar qualquer outro tipo de conhecimento como “não-científico”. Pautado no dualismo e na linearidade, o paradigma dominante da

produção de conhecimento (o paradigma científico) baseia-se na separação absoluta entre homem e natureza: o progresso da ciência objetiva o domínio – a manipulação – da natureza pelo homem, que irá investigá-la como um objeto passível de desmembramento e à mercê de ser desvendado. O instrumento privilegiado dessa investigação é a matemática, de modo que conhecer significa quantificar; o rigor científico é aferido pelo rigor das medições e o não-quantificável é considerado cientificamente irrelevante. Tal lógica – quantitativa, causal e linear – aspira à formulação de leis com base em regularidades observadas e reduz a complexidade dos fenômenos às idéias de ordem, estabilidade e repetição. Edgar Morin (2005, p. 11) denomina este modelo de conhecimento de “paradigma de simplificação”, uma vez que opera através de princípios de disjunção, redução e abstração com o objetivo de dissipar o que há de complexo nos fenômenos, revelando o que seria uma ordem simples a que os mesmos obedecem, no intuito de controlá-los e dominá-los.

No entanto, o grande avanço científico e o aprofundamento do conhecimento propiciado por esse paradigma da ciência moderna levaram ao seu questionamento e ao estabelecimento do que Santos (2003) chama de crise do paradigma dominante, através da identificação de limites e insuficiências desse modelo de produção de saber diante de determinados estudos. As descobertas da microfísica contestaram o dualismo sujeito/objeto com a constatação de que o sujeito interfere estruturalmente no objeto observado, o que indica que a objetividade e o rigor exigidos pelo modelo científico dominante são estruturalmente limitados e que a relação entre sujeito e objeto é muito mais complexa do que pode parecer: “A distinção perde os seus contornos dicotômicos e assume a forma de um continuum” (SANTOS, 2003, p. 45). A macrofísica, por outro lado, une conceitos até então absolutamente heterogêneos como tempo e espaço, quebrando os alicerces sobre os quais construíamos nossos saberes.

A essas “brechas” que se abriam no paradigma científico dominante era preciso responder com uma nova postura, um novo conceito de ciência, um novo modo de abordar os processos de produção de conhecimento. Diante dessa crise paradigmática, desenvolveram-se alguns questionamentos, posturas e abordagens que são ainda especulativos, prementes, vacilantes, mas que podem vir a constituir o paradigma emergente a que Santos chama “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”, ou seja, um novo e desejável modelo de produção de conhecimento e uma nova concepção de ciência, mais abertos e sensíveis ao que diz respeito à coletividade, à ética, à solidariedade, à diversidade.

Assim, é sob a perspectiva deste novo paradigma que identificamos algumas abordagens que parecem possibilitar sua própria constituição, como a perspectiva da complexidade do saber, da impossibilidade de sua totalização e da emer-

gência de saberes múltiplos, reticulares e não-hierarquizados na produção de sentido, como é o caso do saber narrativo. Segundo Lyotard (2002), o saber não se resume à ciência, sendo esta apenas um dos subconjuntos do conhecimento, de forma que o saber vai, assim, muito além do saber científico:

Mas pelo termo saber não se entende apenas, é claro, um conjunto de enunciados denotativos; a ele misturam-se as idéias de saber-fazer, de saber-viver, de saber-escutar, etc. Trata-se então de uma competência que excede a determinação do critério único de verdade (...). Não consiste numa competência que abranja determinada espécie de enunciados, por exemplo, os cognitivos, à exclusão de outros. Ao contrário, permite “boas” performances a respeito de vários objetos de discurso: a se conhecer, decidir, avaliar, transformar... Daí resulta uma de suas principais características: coincide com uma “formação” considerável de competências, é a forma única encarnada em um sujeito pelas diversas espécies de competência que o compõem. (p. 36)

Se a ciência não constitui todo o conhecimento e nem o único saber válido, posto que não há um critério único de verdade, e se o saber, ao contrário, é composto por uma variedade de competências “encarnadas” numa forma única, estamos diante de uma mudança no estatuto do saber que exige uma outra forma de lidar com a realidade, que esteja mais atenta para as diferenças e para o caráter agonístico de toda produção de conhecimento. Esse novo estatuto do saber parece poder ser caracterizado, de maneira mais global, a partir das noções de complexidade, vinculadas ao pensamento, à realidade e à própria ciência.

A idéia da complexidade (MORIN, 2005) é uma tentativa de lidar com o real, a ciência e o pensamento sem ambições de controle sobre os mesmos. Sua intenção é compreendê-los, bem como dialogar profundamente com eles, inclusive nos momentos em que o diálogo pareça impossível devido à diferença que os constitui. Ela procura religar o que foi separado pelo modelo tradicional da ciência, pelo pensamento disjuntivo, num movimento articulador do diverso. Nesse sentido, é possível afirmarmos que a complexidade aspira a um saber multidimensional, que diga respeito à totalidade heterogênea constituinte do mundo com o qual lidamos. Ao mesmo tempo, porém, o pensamento complexo é ciente da impossibilidade de totalização de um saber que é móvel e múltiplo.

Dessa forma, contradição, desordem, inquietação e incerteza são constitutivas da própria noção de complexidade, que é animada “por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento” (MORIN, 2005, p. 7). O pensamento complexo converge assim, simultaneamente, em direção às perspectivas de não-saber e de multiplicidade de saberes, que podem parecer antagônicas e contraditórias, mas que são constitutivas da própria idéia de complexidade e de uma ciência em processo, inacabada e

permeada pelos mais diversos atores e objetos. Sé é impossível a construção de uma totalidade do saber por que ele é múltiplo, ágil e móvel, é possível, no entanto, que se utilizem, para a composição deste novo quadro acerca da produção do conhecimento, saberes os mais diversos, na configuração de uma rede de produção de sentidos que ao mesmo tempo ultrapasse a compartimentação, mas se construa a partir dela, não mais vista como disjunção do diferente e sim como combinação e suplementação do diverso de forma dialógica e recursiva.

Espaço topológico e móvel, a rede aparece como o modelo mais adequado ao pensamento complexo, uma vez que se mostra capaz de incorporar suas contradições, desvios e simultaneidades. Nessa rede de produção de sentidos, teríamos ciência, filosofia, arte, homens, natureza, máquinas, saberes diversos atuando conjuntamente na construção de um diálogo através de conexões, aproximações e distanciamentos constantes e múltiplos, visando à produção dos conhecimentos necessários e desejados em determinados agenciamentos e configurações da realidade.

É nesse cenário de emergência de novas possibilidades de se investigar e refletir sobre os processos de produção de conhecimento que a literatura e o saber narrativo propiciam grandes contribuições à produção de conhecimento (LYOTARD, 2002; SOUZA, 2002). O saber narrativo caracteriza-se, principalmente, por retirar de cena exigências típicas do saber científico – em especial a exigência de demonstração e verificação das afirmações feitas – e por insistir na irreduzibilidade do que há de plural no mundo, incorporando, em si mesmo, a multiplicidade dos jogos de linguagem. Considerada proeminente na formulação do saber tradicional, a forma narrativa é incorporada pelos mais diversos campos do saber como a psicanálise, a história, a antropologia, a literatura e a própria ciência, e, dessa maneira, instaura novas possibilidades investigativas na medida em que altera a perspectiva, o lugar de onde se produz o conhecimento e a relação entre sujeito e objeto de investigação. Com isso, cria-se um saber próprio à narrativa, no qual se conjugam teoria e ficção num movimento de permanente construção do objeto de análise que joga com os intervalos, as contradições e os lapsos de informações e reflexões que este objeto permite.

Segundo Lyotard (2002, p. 38), “as competências cujos critérios o relato fornece ou aplica encontram-se aí misturadas umas às outras num tecido cerrado, o do relato, e ordenadas numa perspectiva de conjunto, que caracteriza este gênero de saber”. Dessa maneira o saber narrativo, ao contrário do saber científico, não exclui de sua tessitura a multiplicidade de linguagens, a complexidade da realidade e as contradições e buracos do processo de produção de conhecimento; ao contrário, seus principais elementos caracterizadores, que o tornam um importante objeto de análise e reflexão numa produção de conhecimento afeita à com-

plexidade, são justamente a incorporação desses paradoxos e vazios, seu caráter inacabado e inconclusivo e a impossibilidade de verificação que o permeia.

ITALO CALVINO: A LITERATURA COMO FONTE DE SABER

A obra do escritor italiano Italo Calvino, seja ela ficcional ou ensaística, esteve sempre voltada à temática do saber, podendo ser pensada como uma rede complexa na qual ciência, política e literatura são objetos constantes de reflexão, que estabelecem entre si conexões as mais diversas e enriquecedoras, ainda que incertas e por vezes contraditórias. Seu mundo poético transita entre temáticas e estilos narrativos os mais diversificados, mesclados em produções narrativas e ensaísticas que se mostram confluentes e coerentes ao desbordar as fronteiras dos gêneros discursivos e ao fazer transparecer dúvidas, descobertas, hipóteses e saberes múltiplos. Crítica e ficção andam juntas e se interpolam na tessitura de uma narrativa que é, permanente e simultaneamente, uma forma de reflexão.

Segundo Baranelli e Ferrero (2003), Calvino trazia em seu “código genético” uma mentalidade científica: seu pai, Mario Calvino, era um agrônomo de San Remo que passou alguns anos no México (onde dirigiu a Estação Experimental de Agricultura) e em Cuba; sua mãe, Eva Mameli, foi a primeira mulher a ocupar uma cátedra de botânica em uma universidade italiana. Além disso, ambos apresentavam posturas políticas bem marcadas. Esse ambiente estreitamente vinculado à pesquisa, ao desenvolvimento científico e à política teve grande influência na formação do autor, que se interessou primeiramente pelo cinema, depois pelas charges e caricaturas, envolveu-se com a política e o Partido Comunista Italiano – PCI –, atuou ativamente na área editorial italiana, escreveu ensaios e textos ficcionais, participou de grupos literários e culturais, produziu peças de teatro e musicais. Era um escritor que se interrogava continuamente tanto sobre seu próprio trabalho e sobre as estratégias e escolhas a ele inerentes quanto sobre as possibilidades de existência do ser humano no mundo.

Em um ensaio de 1960, “Il mare dell’oggettività”, já é possível verificar a aproximação explícita que Calvino (2002) fazia da literatura e da arte a outras formas de conhecimento: “Não me parece que nós tenhamos, ainda, explicado a reviravolta que se deu, nos últimos sete ou oito anos, na literatura, na arte, nas mais variadas atividades do conhecimento e em nosso próprio comportamento diante do mundo” (p. 47). Tal postura é reforçada pelo autor em texto posterior, “Filosofia e letteratura”, de 1967:

Aquilo que estava descrevendo como um matrimônio em leitos separados seja visto como um *ménage à trois*: filosofia literatura ciência. A ciência se encontra frente a problemas não diferentes daqueles da literatura; constrói modelos do mundo continuamente colocados em crise, alterna método indutivo e dedutivo, e deve sempre estar atenta e não confundir como leis objetivas as próprias convenções lingüísticas. Uma cultura à altura da situação existirá apenas quando a problemática da ciência, a da filosofia e a da literatura se colocarem continuamente em crise alternadamente. (CALVINO, 2002a, p. 187)

O movimento de aproximação e de compreensão da arte e da literatura como formas de produção de conhecimento e subjetividade e seus diversos desdobramentos perpassam toda a produção narrativa do autor, que parece, por vezes, uma tessitura simbiótica de homem, natureza, política e literatura. Calvino elaborou, nesse sentido, uma teia de textos na qual o saber narrativo se apresenta em permanente construção e a produção do conhecimento se configura como um processo contínuo e sem limites rígidos e pré-estabelecidos. Parece-nos, dessa forma, que pensar sua obra “como uma rede que serve de passagem e sustentáculo” (2004a, p. 71) – ou seja, a partir de um modelo reticular – pode ser uma forma bastante produtiva para refletirmos sobre as maneiras por ele encontradas para discutir sobre a produção de saberes – em especial sobre os saberes passíveis de serem engendrados através da literatura –, seus limites, desejos e possibilidades.

A teoria de redes tem se mostrado um rico instrumento de análise para as mais diversas áreas do conhecimento no contexto da complexidade. Pensar o mundo e o conhecimento a respeito do mesmo por meio do modelo da rede propicia um deslocamento nas formas tradicionais de análise e produção de sentido, que abre caminhos para um vasto contingente de novas possibilidades de construção coletiva da subjetividade. Dentre os diversos modelos de conhecimento que podem ser vinculados às teorias de rede, o modelo do hipertexto – conforme proposto por Pierre Lévy (1993), que o considera uma “metáfora válida para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo” (p. 25) – parece ser o mais interessante no âmbito da literatura, uma vez que permite análises múltiplas e apresenta elementos que o tornam um valioso instrumento para se pensar nas possibilidades que a narrativa traz para a produção de saberes no mundo contemporâneo.

Tendo por horizonte conceitual as teorias de rede e do hipertexto, é possível identificar algumas trilhas de leitura da obra de Calvino sob a perspectiva de uma trajetória de produção do saber narrativo. Por meio desse percurso, será possível a composição de um painel de caráter contextual sobre a diversidade de relações com o saber que perpassam sua produção. É importante deixar claro que essas trilhas não representam etapas de uma trajetória contínua e seqüencial de produção, ou cristalizações da obra do autor, e sim possíveis eixos de leitura que se

desdobram e se cruzam em ramificações variadas, que nos permitem compreender as possibilidades da literatura na contemporaneidade no tocante à produção de conhecimento.

TRILHAS DE UM SABER NARRATIVO

Ao refletir sobre os diversos discursos que podem ser especificados na narrativa de Italo Calvino, Chaves (2001) aponta a possibilidade de estarmos diante de uma nova forma de saber, um saber que se gera no “lugar vazio para onde convergem todos os discursos, lugar inaugurado onde não caiba separação, embora podendo e deixando sobexistirem ecos próprios de cada discurso” (p. 20). É sob o signo deste saber múltiplo e processual que percorremos algumas das trilhas hipertextuais do escritor, como reflexos de discursos específicos que se imiscuem na tessitura da narrativa calviniana, num contínuo desbordar de fronteiras: “Todo discurso baseado numa motivação puramente literária, se for verdadeiro, acaba neste xeque, neste malogro que escrever sempre é. Por sorte, escrever não é apenas um fato literário, mas também outra coisa” (CALVINO, 2004, p. 18)

A narrativa foi a forma utilizada por Calvino para refletir sobre o mundo no qual se inseria, e nessa narrativa identificamos três grandes campos do conhecimento – ciência, política e literatura – pelos quais sua obra transita e nos quais é possível traçar nós e conexões múltiplos. Identificar alguns dos nós, dos pontos cruciais da narrativa do autor quando esta se dedica a cada um dos campos de conhecimento identificados e as conexões que podem ser estabelecidas entre eles, permite uma maior compreensão das concepções de Calvino sobre as possibilidades de um saber narrativo elaborado pelos homens.

Se ciência e política aparecem na obra de Calvino como ecos de discursos específicos que se misturam em um espaço narrativo híbrido, a literatura sempre apareceu como mediadora desse hibridismo, como instrumento utilizado pelo autor para sua inserção e atuação no mundo em que vivia. Seu trabalho como escritor foi uma forma de agregar ao ficcional a reflexão, a pesquisa, o método; esse modo de olhar o mundo específico de Calvino, mesclando os discursos da ciência e da política, da observação e da ação, constitui seu próprio fazer literário. O uso da palavra torna-se para ele objeto de reflexão – como usar a palavra para produzir conhecimento. Talvez isto tenha feito com que Calvino não fosse apenas um ficcionista, exercendo de forma relacional várias outras atividades narrativas, como a editoria, a escrita ensaística, a colaboração política, o jornalismo, a reflexão sobre ciência e natureza, a participação em grupos artístico-literários que transformaram sua produção em uma rede, uma teia tecida pelo desejo do uso da narrativa como produtora de saberes.

O olhar científico sobre o mundo permeia a vida de Calvino desde a infância. Guiado pelas mãos de seus pais, ele estabeleceu com a natureza seu primeiro contato, marcado pela cientificidade, pela racionalidade e por uma quase simbiose entre homem e natureza. Essa “natureza científica”, que se apresenta em sua obra de forma bem específica, pode ser observada na riqueza e precisão de detalhes com que constrói os ambientes naturais por onde circulam seus personagens – desde *A trilha dos ninhos de aranha* até *As cosmicômicas*, passando por *O barão nas árvores* – e na escolha temática e forma de apresentação da mesma – como vemos em *Palomar*.

Para tratar dessa ligação entre ciência e saber narrativo na voz do próprio Calvino, “Leitura de uma onda”, um dos capítulos de *Palomar* (1994), é um texto emblemático e bastante significativo, no qual o autor utiliza o olhar e a observação exaustivamente. *Palomar* narra as aventuras de um homem que sempre observa o mundo ao seu redor, interroga-se sobre ele e as possíveis formas de intervenção no mesmo. Em “Leitura de uma onda”, o senhor Palomar procura estabelecer um método científico para o conhecimento e análise de uma onda do mar com o intuito de, posteriormente, aplicar os resultados da análise a todo o universo. Sua observação, no entanto, não consegue nem mesmo abarcar a totalidade da onda, que apresenta elementos que a tornam inseparável do restante do universo que a circunda. Ao longo do texto, apresentando a postura de Palomar na tentativa de investigação, diversos pontos centrais da investigação científica são abordados, de forma que a mesma transforma-se em matéria narrativa. Tornam-se perceptíveis no capítulo, assim, os dois movimentos relativos à ciência anteriormente destacados: a ciência como temática e como modo de olhar. Um modo de olhar que só pode construir um não-saber, um conhecimento parcial, incompleto, móvel e fugidio.

A tentativa de estabelecimento de um recorte, de um olhar “limitado e preciso”, exigências do tradicional rigor científico, aparece sempre acompanhada da sua negativa, da explicitação de sua parcialidade, da incompletude resultante desse movimento. Ainda que consiga ser rigoroso no estabelecimento de seu método de análise, ainda que consiga colher a maior quantidade de dados a partir da observação de seu objeto, o senhor Palomar sabe que o resultado da sua observação de uma onda será, sempre, um não-saber. O desejo de extensão do resultado da análise de uma onda a um modelo capaz de abarcar todo o universo torna-se, em consequência, uma impossibilidade gritante e latente:

É pena que a imagem que o senhor Palomar havia conseguido organizar com tanta minúcia agora se desfigure, se fragmente e se perca. Só conseguindo manter presentes todos os aspectos juntos, ele poderia iniciar a segunda fase da operação: estender esse conhecimento a todo o universo. (CALVINO, 1994, p. 11)

A relação com a política também começou cedo para Calvino, que no início da década de 1940 envolveu-se com o movimento de resistência ao fascismo que avançava sobre a Itália: aproximou-se do Partido Comunista Italiano, unindo-se à Brigada Garibaldi e militando ativamente na guerra *partigiana*. Apesar da breve duração cronológica, o envolvimento direto com a ação política teve grande intensidade e foi, segundo o escritor, determinante em sua formação humana e política. Em sua narrativa, a política – como tema e forma de conhecimento e ação no mundo – é, também, recorrente e abordada de forma tão complexa quanto a ciência.

Já em seu primeiro livro, *A trilha dos ninhos de aranha* (CALVINO, 2004), publicado em 1947, é possível perceber que a política, como campo do saber e temática narrativa, é tão complexa quanto a ação que implica. O livro narra a história de Pin, um garoto praticamente abandonado, irmão de uma prostituta, que acaba se envolvendo com a Resistência Italiana, uma Resistência formada por tipos grotescos, que vão desde criminosos a rapazes obstinados, que têm em comum o fato de combaterem sem ter consciência do combate e dos motivos pelos quais lutam, bem como da política enquanto instrumento de ação sobre o mundo em que se vive.

A respeito dessa obra, o próprio Calvino (2004) escreve um prefácio em 1964 para sua segunda edição, em que aborda tais dificuldades, afirmando que com *A trilha dos ninhos de aranha* quis combater as duas principais posições que se estabeleciam sobre a Resistência: a de seus difamadores e a de seus “sacerdotes”. Para os primeiros, aqueles que negavam e minimizavam a importância e o papel da Resistência no momento político vivido na Itália de então, o livro queria dar a seguinte resposta:

Está bem, vou fazer de conta que vocês têm razão, não vou representar os melhores *partigiani*, mas os piores possíveis, porei no centro do meu romance uma unidade totalmente formada por sujeitos um tanto tortos. Pois bem: o que muda? Mesmo nos que se lançaram na luta sem um motivo claro, agiu um impulso elementar que os tornou cem mil vezes melhores que vocês, que fez com que se transformassem em forças históricas ativas que vocês jamais poderão sonhar ser! (p. 13)

Aos outros, que viam no elogio à Resistência um sacerdócio, queria dizer:

Ah, é? Querem o ‘herói socialista’? Querem o ‘romantismo revolucionário’? Pois eu escrevo uma história de *partigiani* em que ninguém é herói, ninguém tem consciência de classe. Vou representar é o mundo das ‘lingère’, o lumpemproletariado! (...) E será a obra mais positiva, mais revolucionária de todas! Que importa quem já é herói, quem já tem consciência? O que temos de representar é o processo para chegar lá! Enquanto restar um único indivíduo aquém da consciência, nosso dever será cuidar dele, e somente dele! (p. 14)

É possível objetar que o prefácio, escrito mais de 15 anos após o lançamento

do livro, tenha seu teor político enfraquecido por trazer observações e perspectivas feitas a posteriori. O próprio Calvino (2004) atenta para este fato e pontua: “Pelo que eu disse, parece que ao escrever este livro tudo estava bem claro na cabeça: os motivos de polêmica, os adversários a derrotar, a poética a sustentar... Ao contrário, se havia tudo isso, ainda se encontrava num estágio confuso e indefinido” (p. 15).

No recorte que aqui é feito, entretanto, esse prefácio demonstra que a política permaneceu no escopo de interesses e foi matéria narrativa para Calvino ao longo de sua carreira, de maneira incisiva, perpassando e dissolvendo-se em sua obra. Nos primeiros anos pós-resistência é principalmente por meio da narrativa que o autor estabelece sua forma de atuação política, colaborando em diversos jornais e periódicos comunistas. Ele é um comunista que escreve, como muitos outros, em um período em que, para os intelectuais, não era difícil conciliar atividades políticas e atividades literárias. Seja nos contos publicados em *Ultimo viene il corvo* (30 contos escritos pelo autor entre os anos de 1945 e 1949), seja no olhar de viés fabulista utilizado na narração de *O visconde partido ao meio*, a política ecoa profundamente em sua escrita – como tema e como postura –, demarcando um modo de olhar ao mesmo tempo distinto e contíguo ao olhar científico.

Os desdobramentos da conjuntura política italiana, no entanto, foram, aos poucos, tornando sua relação com a política mais tensa e conflituosa, e, em 1957, Calvino desvinculou-se do Partido Comunista Italiano. A narrativa continuou a fazer parte de sua vida, mas agora se dedicava mais a atividades que não se vinculavam tão intimamente com a política, que passa a ser vista como um campo ainda mais complexo, no qual se mesclam o desejo de mudanças no mundo concreto circundante e uma certa consciência amarga de que a “grande política” anda por si só, independentemente da participação e do engajamento do homem.

A relação com a política desliza, assim, entre um olhar que a vê como forma de contemplação e compreensão cognitiva do homem e do mundo e um olhar que nela enxerga uma forma de ação efetiva do homem no e sobre o mundo em que vive. Nesse “espaço encolhido” que estabelece para a política uma vez mais, pode-se perceber a consciência do escritor a respeito da impossibilidade da totalidade do conhecimento, da incompletude do saber. E é desse lugar que o escritor parece amadurecer a consciência da ação política implícita na narrativa, no trabalho da escritura e na própria literatura. O campo literário torna-se, assim, um híbrido no qual confluem o homem prático e o homem contemplativo, o poético e o político propriamente dito.

Quando se mudou para Turim ao término da guerra *partigiana*, Calvino – naquele momento ainda profundamente envolvido com a política – aproximou-se do universo literário de maneira incisiva: matriculou-se na Faculdade de Letras e

passou a freqüentar a editora Einaudi, que ao longo deste período era o ponto de confluência da intelectualidade de esquerda, espaço no qual filósofos e historiadores – além de escritores e literatos – travavam contínuas discussões acerca das tendências políticas e ideológicas de então. Pouco depois, começou a prestar serviços para a editora, trabalhando em vários setores da mesma: redigiu notas publicitárias; dirigiu, entre 1952 e 1959, o *Notiziario Einaudi*, um periódico mensal (posteriormente trimestral) de informação cultural; fundou e dirigiu, ao lado de Elio Vittorini, a revista de literatura *Il Menabò*, dirigiu coleções de literatura diversas; como editor, escreveu cerca de cinco mil cartas em que discute e analisa os trabalhos dos mais diversos autores.

Ao longo de cerca de 40 anos, Calvino esteve envolvido com a narrativa, como ficcionista, jornalista, editor, militante político. No entanto, é apenas a partir do final da década de 1950 que passa a considerar-se um escritor, e a dedicar à sua produção literária a mesma atenção que dedicava aos “livros dos outros”:

Em certo momento me encontrei sendo um escritor, mas muito tarde: trabalhei muito em editoria, nos momentos livres escrevia muitas daquelas coisas que depois ficam fora dos livros, mas o maior tempo da minha vida o dediquei aos livros dos outros, não aos meus. Sou feliz com isso, porque a editoria é uma coisa importante na Itália em que vivemos e ter trabalhado em um ambiente editorial que foi modelo para o restante da editoria italiana não é pouca coisa. (CALVINO *apud* BARANELLI e FERRERO, 2003, p. 103)

Em 1957 publiquei *O barão nas árvores*, logo depois (ou pouco antes, não me lembro), saíram as *Fábulas italianas*, um grande trabalho executado por solicitação da editora. Em 1958, publiquei *I racconti*, um volume que reúne todas as narrativas breves que escrevi até então; em suma agora posso me permitir publicar contos chamando-os simplesmente “Contos”.

É daquele momento que posso me considerar um escritor “profissional”? Passaram-se dez anos do meu primeiro livro e direi que dez anos é o tempo necessário, continuando a publicar com certa regularidade, para saber se de alguma forma se é um autor. Finalmente, o problema “serei ou não serei um escritor?” agora não se coloca mais, dado que são os outros a considerar-me como tal. (CALVINO *apud* BARANELLI e FERRERO, 2003, p. 149-151)

É a partir desse momento que se percebe também, em sua obra, uma maior reflexão acerca da literatura e de conceitos a ela referentes, de suas possibilidades e limites, a partir de obras como *O cavaleiro inexistente*, *O castelo dos destinos cruzados* e *Se um viajante numa noite de inverno*. A partir de *O castelo*, por exemplo, é possível travar uma reflexão acerca da escrita e da leitura que constantemente se deixa permear por outras reflexões sobre o tema, sejam elas advindas dos estudos literários, do hipertexto ou da própria obra de Italo Calvino. O livro apresenta diversas histórias que se entrecruzam pelo fato de seus protagonistas estarem dividindo o mesmo espaço: em volta da mesa de um castelo vários personagens narram, através de um baralho de tarô, a história de suas vidas. A histó-

ria do castelo só se completa com a participação de todos os personagens, com a junção de todas as pequenas histórias que, se não se cruzam no campo da diegese, se encontram no campo discursivo. Para o desenvolvimento dessa história, Calvino dispôs de dois campos narrativos: a narrativa iconográfica do tarô e a narrativa literária, articuladas pelo movimento dos personagens e do narrador.

A mesa do castelo vai sendo preenchida com as cartas de tarô escolhidas pelo personagem que apresenta sua história; esta, no entanto, só se efetiva com a participação do leitor-intérprete, no caso, o narrador. A interação se faz necessária para que a história do castelo possa ser construída, e os personagens que circundam a mesa formam uma rede cuja centralidade se desloca a cada momento. À medida que as cartas são dispostas pelos personagens, o narrador atua como leitor da narrativa iconográfica e como autor da narrativa literária, na qual explicita, a todo momento, suas dúvidas, possibilidades, hesitações e conjecturas. Seguindo a narrativa do tarô, estamos bem próximos das narrativas literárias baseadas na combinatória: de uma série de elementos pré-determinados o personagem faz suas escolhas e monta sua narrativa. Se tal trabalho fosse levado ao extremo estaríamos diante de um imenso manancial de narrativas possíveis, bastando optar por uma das formas de combinação das cartas. **O castelo dos destinos cruzados** seria, assim, uma máquina poética baseada na permutabilidade.

No entanto, Calvino faz alguns movimentos que introduzem novos elementos a essa lógica combinatória, complexificando a narrativa. O narrador, por exemplo, é ao mesmo tempo um personagem da ação e um intérprete das narrativas do tarô, atuando como leitor da mesma e como autor da narrativa literária. Se a narrativa do tarô baseia-se na combinatória, a narrativa literária apresenta-se como o percurso da leitura do narrador, como sua interpretação dos fatos. Ele, como leitor, não faz as “combinações”, mas ressignifica as cartas a partir das problemáticas que lhe são colocadas no decorrer da narrativa. Assim, os leitores do livro de Calvino não brincam com a combinatória, construindo narrativas previamente estipuladas. São os personagens do livro que cumprem este papel. A esta narrativa responde o narrador que, a partir dos elementos simbólicos do baralho, reescreve literariamente a narrativa do personagem.

É nessa reescritura que encontramos uma linha de fuga à lógica combinatória, que permite a aproximação da obra do modelo do hipertexto. Seu grande diferencial é incluir no jogo combinatório um novo elemento, o narrador, que ao mesmo tempo em que se submete às regras as desacredita, criando um segundo eixo narrativo no qual o processo de escrita e leitura é discutido de forma incorporada à trama ficcional. Com esse movimento Italo Calvino afasta-se da formalização excessiva e coloca em questão saberes referentes ao próprio literário, como a escrita e a leitura, que aparecem no livro como movimentos distintos e inter-

cambiáveis, e a obra como resultado de um processo colaborativo entre autor e leitor. O jogo literário é um jogo onde não há ganhadores nem perdedores, o texto só pode existir em decorrência do diálogo entre autor e leitor, que por sua vez são papéis altamente flexíveis e móveis. Leitura e escrita funcionariam, assim, como as duas faces de um *anel de moebius*, como elementos de um jogo que se faz através do confronto, da fluidez, da mistura de funções, enfim, como um processo em que o resultado depende do agenciamento coletivo de conhecimentos múltiplos.

DA INCAPACIDADE DE CONCLUIR

Ler a obra de Italo Calvino sob o enfoque da produção de conhecimento nos fez perceber que a conformação de um saber narrativo corre paralelamente à discussão sobre a impossibilidade do saber, no sentido de um conhecimento que se queira totalizante, completo, unívoco. Através da narrativa é possível a construção de um saber que é múltiplo, dinâmico e por vezes contraditório; um saber capaz de agregar em si a diversidade, produzido numa zona fronteira que ele mesmo constantemente desloca e altera. Trazer para o bojo da reflexão teórica sobre a literatura questões colocadas pela própria narrativa permite que se acrescente ao escopo dos estudos literários saberes por vezes menosprezados e que, no entanto, dizem muito desse complexo objeto de estudo. Em muitas narrativas a reflexão sobre o literário e questões a ele diretamente ligadas é explicitada, num movimento de auto-conhecimento questionador capaz de engendrar reflexões que muito podem contribuir com os estudos literários.

Com esse texto procuramos demonstrar algumas possibilidades da literatura na contemporaneidade, no tocante à produção de conhecimento, a partir de uma reflexão sobre o saber narrativo que toma como referência a obra de Italo Calvino. Como características principais desse saber narrativo, identificamos a mudança, a transitoriedade, a noção de conhecimento como multiplicidade, enfim, o que o próprio autor chama de incapacidade de concluir: se da literatura deve sempre libertar-se uma força centrífuga, se hoje ela só pode ser pensada na forma de uma “enciclopédia aberta”, expressão que ao mesmo tempo evoca a busca da totalização e sua impossibilidade, a reflexão sobre a literatura e a partir dela precisa também permitir essas linhas de fuga ao diverso e ao desejo de totalização. Diante de um objeto inconcluso, que apresenta múltiplas ramificações, que pode ser alcançado pelos mais diversos caminhos e que se altera a cada conexão com novos elementos, qualquer conclusão é inviabilizada e tornam-se possíveis apenas determinados trajetos de leitura, olhares perscrutadores que sabem não ser únicos.

Abstract

The present text explores some possibilities of literature in contemporaneity, taking as a reference the debate regarding knowledge production and narrative knowledge. In order to accomplish this goal, we build a theoretical framework on the place of knowledge and the sciences of complexity (based on Edgar Morin and Boaventura Santos) and on scientific knowledge and narrative knowledge (according to Lyotard), that is used to analyze the work of the Italian writer Italo Calvino, who is a rich source from where to reflect about the relations between knowledge and literature.

Key words: Narrative Knowledge; Complexity; Knowledge production; Network theories; Italo Calvino.

Referências

- BARANELLI, Luca; FERRERO, Ernesto. *Album Calvino*. Milano: Mondadori, 2003.
- CALVINO, Italo. *Palomar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- CALVINO, Italo. *O castelo dos destinos cruzados*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994a.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- CALVINO, Italo. *Os nossos antepassados*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999a.
- CALVINO, Italo. *Il mare dell'oggettività*. In: _____. *Una pietra sopra: discorsi di letteratura e società*. Milano: Mondadori, 2002. p. 47-54.
- CALVINO, Italo. *Filosofia e letteratura*. In: _____. *Una pietra sopra: discorsi di letteratura e società*. Milano: Mondadori, 2002a. p. 182-190.
- CALVINO, Italo. *A trilha dos ninhos de aranha*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004a.
- CHAVES, Maria Lúcia de Resende. *A face vazia dos discursos: ciência, arte, filosofia e ficção na estética contemporânea precisada na obra de Italo Calvino*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: 'Um discurso sobre as ciências' revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.
- SOUZA, Eneida Maria de. Saberes narrativos. *Semear*, n. 7, 2002. Disponível em: www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/7Sem_03.html. Acesso em 12 de dez. 2006.
- STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Ed. 34, 2002.